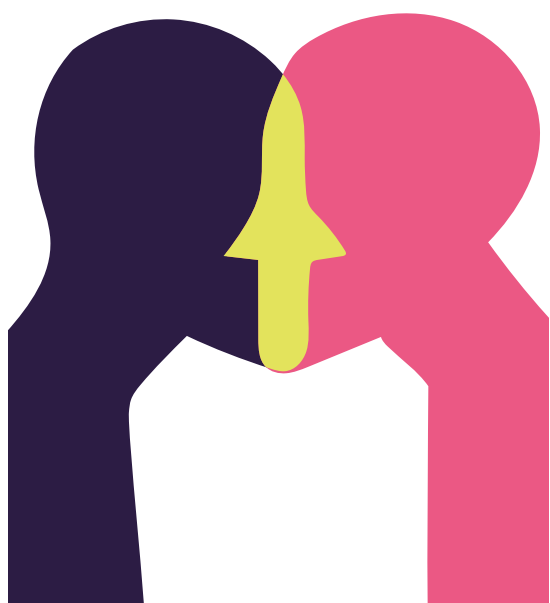
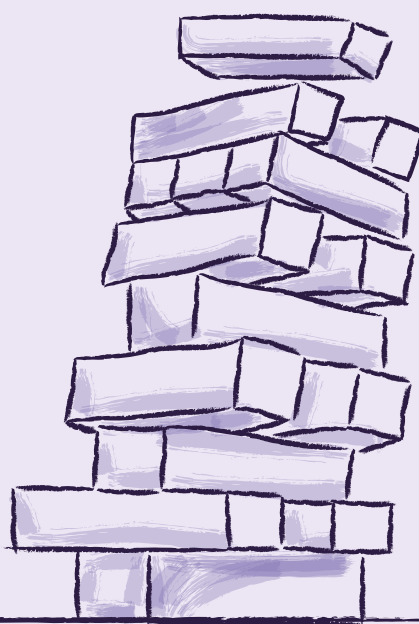


A CORAGEM QUE FALTA



**O que você,
homem, mais inveja
nas mulheres?**

**O que você,
mulher, mais inveja
nos homens?**

Antes de seguir adiante, pare uns minutinhos e tente responder a essa pergunta, de forma verdadeira, para si mesmo.

Se você não conseguiu responder, porque é um ser luz que não sente inveja de nada nem ninguém, porque sentir inveja é feio, sinto lhe informar que sentir inveja é humano e encarar intencionalmente o que se inveja é um exercício poderoso de autoconhecimento: por que invejo isso dessa forma ou dessa pessoa? O que aprendo/descubro sobre mim a partir disso?

A inveja é tão reveladora que a antropóloga Mirian Goldenberg usou exatamente essa pergunta do início deste texto, o que se inveja no sexo oposto, para entender opiniões e comportamentos sobre envelhecimento, autonomia e felicidade, e alguns achados são reveladores.

Segundo Mirian, quando perguntadas sobre o que invejam nos homens, as mulheres são categóricas em afirmar: LIBERDADE! Depois vem fazer xixi em pé, e uma lista de outras tantas “liberdades masculinas”: sexual, com o corpo, de rir e brincar, de envelhecer em paz...

Quando perguntados o que invejam nas mulheres, a maioria esmagadora dos homens respondeu NADA; alguns poucos responderam maternidade, sensibilidade e orgasmos múltiplos.

Se assumirmos a definição de inveja como “desejar algo que não se tem” as respostas principais gritam uma realidade social que as últimas notícias têm escancarado de forma cristalina (e revoltante): mulheres não tem liberdade nem de ir e vir, nem de ser elas mesmas, nem de estar tranquilas no ambiente doméstico, nem de exercer seus direitos civis básicos; e para algumas, tragicamente, nem de existir. Enquanto os homens não precisam invejar nada delas, porque “o que elas têm que eu não tenho, não me interessa ter”. Elementar, meu caro Watson!

Não dá para falar de outra coisa, num mês de março (mês das mulheres!!!) marcado por notícias como o estupro coletivo no Rio de Janeiro, a chocante trend viral do “Se ela disser não...”, o tenente-coronel que matou a esposa soldado, a absolvição sem-vergonha de estuprador em MG por um desembargador (depois ele voltou atrás, por conta da pressão, claro; mas na decisão inicial achou de bom tom usar IA para “qualificar os argumentos” que embasavam a inocência); além do recente caso trágico de Itumbiara, em que o pai assassinou os filhos para punir a esposa, mãe deles... Ufa! Até falta o ar, não é mesmo!?



Créditos: Larte no Manual do Minotauro - 09/03/2022

Em 2025, houve 1568 vítimas de feminicídio. Uma em cada oito mulheres já foi estuprada antes dos 18 anos. Segundo o Atlas da Violência 2024, quase metade das meninas de 10 a 14 anos já sofreu violência sexual. A cada 8 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. 97% das mulheres têm medo de ser estupradas. Toda mulher já foi ou conhece uma mulher que foi abusada ou estuprada. Nenhum homem, em seu círculo social, (re)conhece um homem abusador.

A conta não fecha.



Claro que toda generalização é ruim, mas o ponto aqui é evidenciar um comportamento: muitos homens abusadores não se entendem abusadores, alguns homens passam pano, validam, o abuso de homens próximos. E via de regra, culpabilizam a mulher, com o famoso: ah..., mas será que ela não deu motivo?

Nada é motivo ou justificativa para violência. Nada.

Vivemos em uma sociedade onde a mulher ainda vivência desafios diários para acessar direitos. Mesmo quando vítima evidente da violência, com as marcas no corpo, incontestáveis, elas são descredibilizadas, desacreditadas, estimuladas a não registrar a denúncia, a deixar para lá porque **“não tem jeito, é assim, mesmo”**.

Inclusive nos ambientes onde deveriam ser acolhidas e ajudadas como as delegacias da mulher, seja com perguntas erradas, ofensivas, fazendo dela vítima de novo...

O historiador **Fred Coelho**, professor da PUC-RJ, estudioso da contracultura brasileira, foi cirúrgico ao comentar o caso do RJ: "ser pai de duas filhas adolescentes é, todos os dias, ter que imaginar o pior no intuito de prepará-las para um mundo violento, misógeno e hostil ao mais simples sentimento de liberdade existencial que elas podem ter". E complementa, com um raciocínio que precisa reverberar cada vez mais por aí: "o fato de conviverem com um estupro coletivo de pessoas na idade e no meio social delas só aprofunda essa tristeza cotidiana, assim como pais que precisam ensinar aos seus filhos e filhas negros que, todos os dias, sua cor de pele os transforma em potenciais vítimas de criminosos".

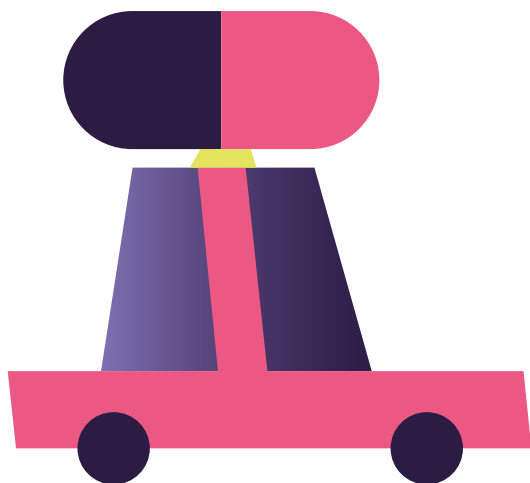
É de empatia que ele está falando!



Sim, essa mesma que pauta eventos de inovação mundo afora com promessas de mudar o mundo. O poder dela vem daí: enxergar o outro, a outra, entristecer-se com/pelo outro, pela outra; não querer que a dor doa em si para precisar aprender, nem achar que é só aí o problema se torna prioritário. Empatizar é sair da doce posição de: não me dói, logo não me diz respeito; não me afeta, logo não tenho nada a fazer; sou homem, não sou violento, nem estuprador, logo isso não é problema meu.

Nesse mês de março vimos várias iniciativas de melhoria para as mulheres serem anunciadas ou divulgadas com afinco, como: uma opção da Uber em que mulheres podem escolher só motoristas mulheres, ônibus rosa e vagões rosa em diversas cidades – espaços só para mulheres. Goiânia tem até um hospital com UTI feminina, só com profissionais mulheres...

Não deixam de ser iniciativas válidas para aplacar parte do medo/pavor que as mulheres sentem hoje, mas são só tratamento para os sintomas, não para o problema; nenhuma dessas iniciativas passa perto de resolver, porque nenhuma delas se propõe a enfrentar a verdadeira causa do medo e da violência: o comportamento machista.



Enquanto houver um comitê da mulher presidido por um homem, ou formado só por homens; enquanto houver eventos de dia das mulheres só com homens no palco – dizendo gracejos sem noção, fúteis e misóginos; enquanto houver assediadores ocupando posições de poder e usando hierarquia para coagir e amedrontar mulheres no exercício de suas profissões, nós homens ainda temos muito o que aprender, refletir e mudar sobre nosso comportamento e modo de pensar. Não adianta criar estruturas se elas não funcionam como deveriam: ouvidorias que não escutam ou não podem agir só reforçam a mensagem de impunidade, de “é assim, mesmo”, “isso é aceitável”. Não é difícil achar um caso de “assédio recorrente” ou, pior, de feminicídio mesmo depois de tantas denúncias, não ter conseguido medida protetiva ou não ter sequer conseguido denunciar, porque foi desqualificada e desestimulada.

É preciso entender que a raiz da violência contra a mulher não tem a ver com desejo sexual, tem a ver com poder e posse.

É aviltante para muitos homens uma mulher livre, poderosa, forte, que diz não, que diz o que pensa, que esfrega na cara dele que a “macheza” dele não cabe mais. Ao invés de elaborar e entender os porquês, ele apela para um dos seus “direitos de homem”: a violência.

E muitas vezes, essa violência é velada, pequena, nas falas, decisões e atitudes do cotidiano; em outras, se materializa na violência física, patrimonial, psicológica, até desembocar nos absurdos que tanto chocam quando chegam aos jornais.

Quando um cara olha para os casos escabrosos, não se reconhece, claro; mas o exercício a ser feito é olhar para si no dia a dia, nas pequenices: onde o machismo se manifesta em violência não percebida? Quando e quanto a validação, o passar pano, reforça comportamentos, autoriza a repetir e perpetuar atitudes e ciclos?



Até quando as mulheres que ocupam cargos de alta direção precisarão continuar ouvindo piadinhas, insinuações ou relatos de aventuras sexuais dos poderosos à mesa contando orgulhosos os feitos da noite anterior, antes das reuniões começarem para valer? Até quando precisam fingir não entender certas piadinhas para poder continuar à mesa, mesmo desrespeitadas e diminuídas em seu intelecto, capacidade e repertórios?

A maioria dos homens aprendeu, segue acreditando e agindo a partir de uma crença de que mulheres são inferiores. Por que será que é ofensa chamar um homem de “mulherzinha”?

A objetificação da mulher – ela é minha, eu que sei, eu que mando, posso porque sou homem – ainda tão hegemônica, segue ditando formas de tratamento e desqualificação e é derivada desse entendimento de inferioridade – vem daí a “justificativa” para a violência, “ela mereceu”. Não à toa, até pouco tempo atrás, mulheres tinham menos direitos civis, precisavam de autorização de seus maridos ou pais para atos simples da vida pública, como abrir conta em banco ou viajar sozinhas. Essa mentalidade segue presente em muitos homens que entendem que a mulher tem um papel de servir aos homens, que sua principal função no mundo é ter filhos e depois, cuidar dos homens. É por isso que muitos homens entendem que estão “homenageando” mulheres quando as parabenizam pelo “privilegio de gerar uma vida” reduzindo-as a uma função biológica.



Créditos: ONU - Rayma Suprani - 06/03/2018

Se ainda não está claro para você o que violência contra a mulher tem a ver com inovação em governo, é fácil explicar:

Inovar em governo é, antes de mais nada, promover mudanças que sejam percebidas como valor para alguém ou algum grupo; e esse problema está gritando por inovação social que seja capaz de promover novas formas de conviver em sociedade sem que as mulheres se entendam como potenciais vítimas a todo instante.

Se design é aplicar senso crítico para entender/mapear o que não faz mais sentido e precisa ser mudado, seguido de um senso criativo na busca por propostas e um senso prático voltado a encontrar formas de implementação factíveis e viáveis, enfrentar as causas da violência contra a mulher é, sem dúvida, um dos grandes desafios de design do nosso tempo.

E, óbvio, não é uma palestra uma vez na vida, um curso de automaquiagem e um bombom com bilhete fofo que vai mudar essa realidade... É preciso que consigamos promover uma mudança intencional, estruturada e perene, para atacar os sintomas dessa cultura que se quer mudar. Afinal, mudar cultura não se resume a realizar uma palestra chapa-branca, uma vez no ano, na data comemorativa. Mudar cultura é promover ações cotidianas e deixar de fazer ações cotidianas, com afinco, para que as pessoas percebam que novas possibilidades de ser e estar passam a ser enxergadas, permitidas e valorizadas; enquanto outras não serão mais toleradas. É responder de forma intencional e corajosa: o que não será mais aceitável aqui?



É preciso cada vez mais pensar, elaborar e executar programas que contribuam para independência financeira da mulher, melhoria da comunicação e resolução de conflitos em casais, treinamentos de habilidades parentais, tratamentos de abuso de substâncias e campanhas comunitárias para mudança de normas sociais. E pensando nas próximas gerações: programas educativos sobre gênero e relacionamentos nas escolas, com uma abordagem longa e estruturada. Os meninos e meninas precisam aprender sobre respeito, igualdade, liberdade e consentimento, desde cedo. Que nenhum menino aprenda que ser homem é “mostrar para ela o que ela merece”, enquanto nenhuma menina aprenda a temer os homens porque “senão você vai ver as consequências”.

Há poucos dias, a ministra Carmem Lúcia, em uma de suas tantas falas memoráveis, escancarou o óbvio: **“os homens não sabem que são machistas”**. É verdade, muitos de nós, negamos o rótulo sem nem parar para pensar a respeito, afinal nunca espancamos ou estupramos ninguém.

Mas de novo, é no dia a dia, nas pequenas atitudes, nos atos simbólicos que o machismo fere e dificulta a vida das mulheres.

Que os homens que estão lendo isso agora possam fazer o exercício corajoso de se perguntar: o que preciso, posso e quero mudar em mim?

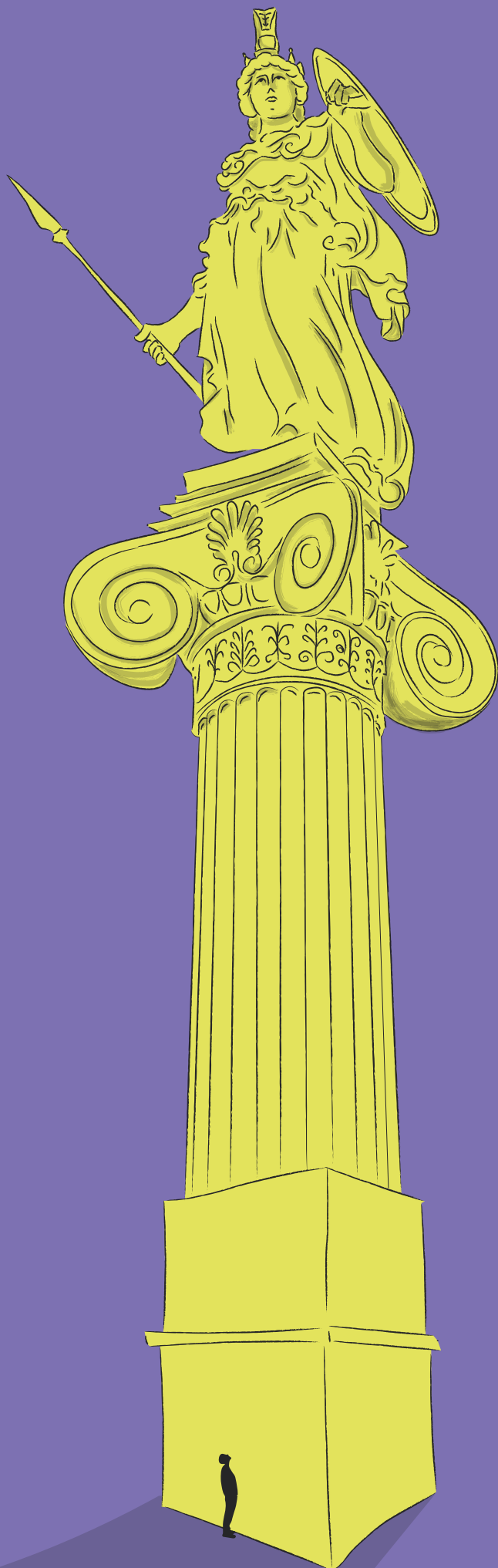
Tem que ser muito macho para se reconhecer machista e querer mudar; sobretudo, nas pequenices do dia a dia que passam despercebidas por tantOs, mas seguem machucando tantAs. Violência é covardia travestida de força, “o que a vida espera da gente é coragem”.

Que mulheres você admira e respeita, verdadeiramente, sem ser sua mãe, esposa ou filha? Por que motivos as admira que não seja a beleza? O que você aprendeu com as mulheres? O que ainda precisa aprender?

Às mulheres, parabéns, obrigado e sinceras desculpas. Aos homens, atenção, intenção e coragem para mudar.

“ TUDO QUE É POTÊNCIA DA MULHER INCOMODA HOMENS PEQUENOS

**SEJAMOS GRANDES.
DIAS MULHERES VIRÃO**



SONHAR UM FUTURO MAIS FEMININO É BOM PARA TODOS

PORQUE...

E **NTENDER**
É O PRIMEIRO PASSO
PARA MUDAR A FORMA
DE PENSAR



COLUNA: Os homens não possuem mais direito de trair do que as mulheres por Fabiana Moraes

“Meninos e meninas deixam de ser sujeitos e tornam-se extensões da mulher. Símbolos de ‘honra’, de traição, de desafio”

Q **UERER**
É COMPONENTE
ESSENCIAL
DA MUDANÇA



REEL: Trecho da Fala de Henrique Vieira na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados

“O patriarcado é um sistema que distribui privilégios aos homens, naturaliza desigualdades e objetifica mulheres.”

U **NIR**
É A MELHOR FORMA
DE ENFRENTAR
GRANDES DESAFIOS



MATÉRIA: Mulheres são mais eficazes que os homens na liderança, diz pesquisa. Por Kevin Kruse

“Um estudo com 1,5 milhão de pessoas mostra que lideranças femininas superam seus colegas homens em todos os níveis de gerenciamento e faixas etárias”

I **NSPIRAR**
É PLANTAR SEMENTES
DE FUTUROS POSSÍVEIS



POST: Zine “Obtuso” por Yuri Henrick

“Só agora, começo a entender a geometria do mundo. Decido não fazer parte da lista de homens obtusos.”

LAB

ER

É ABRIR ESPAÇO PARA
NOVAS PERGUNTAS

Gama

COLUNA: No interior do Brasil, uma menina foi para a escola estudar por Fabiana Moraes

“Alicia foi assassinada porque disse não. Januária sofre violência e não quer mais ir para a escola porque disse sim.”

PRENDER

É REVISAR CERTEZAS E
MUDAR A FORMA DE FAZER



ARTIGO Coragem! Como homens podem assumir sua responsabilidade no dia Internacional das mulheres? por Gabriella Feola

“Atuar com os observadores é trabalhar para tirar a sustentação do fenômeno”

ORA PRATICAR

E LEVAR NOVAS FERRAMENTAS PARA A ROTINA.

Design Thinking
TOOLKIT
para Governo

FERRAMENTA: Mapa da Empatia

A ferramenta ajuda a Identificar e compreender o perfil do outro de forma visual e tangível, gerando maior aproximação e empatia.

ACREDITAMOS QUE SE É POSSÍVEL, DÁ PRA FAZER; SE É IMPOSSÍVEL, DÁ PRA TENTAR...

PODEMOS FAZER MUITO JUNTOS.


AUTOR
PAULO HENRIQUE SOUZA


DESIGN GRÁFICO
YURI HENRICK

peQuiLAB

ESCOLA DE GOVERNO | SEAD

 @escolagovgoias

 pequi.lab@goias.gov.br

 (62) 3201-4525